

A MORAL DOS CORPOS: DESEJOS, DISPOSITIVOS E SUBJETIVIDADES EM FORTALEZA (1910-1950)

IDALINA M. ALMEIDA DE FREITAS*

Perceber como os indivíduos criam e recriam o universo sensorialmente, por meio de discursos escritos ou imagéticos, infere subjetividades¹ que também se tornaram objeto da História.

E é neste sentido que, este trabalho discute as questões em torno das construções subjetivas para o corpo feminino, sob a intervenção de dispositivos ancorados nos discursos médico-científico, técnico e publicitário, pensando o corpo e as ações que o compreendem como intervenções políticas no espaço² da cidade de Fortaleza na primeira metade do século XX, e dialogando com a ideia de modernidade legislada.

Os discursos baseados nas subjetividades de sujeitos que protagonizaram os processos criminais, elaborados por médicos e juristas, assim como a imprensa, para esta pesquisa, configuraram-se como dispositivos criados sobre o corpo feminino. Como esses discursos foram reinventando corpos, desejos e sensibilidades em meio a essa sociedade (Fortaleza, anos de 1920, 1930, 1940), e que tipos de relações de poder foram estabelecidos? Saberes ditos e escritos

pela ciência médica dos séculos XIX e XX, ideais de nação, civilização, modernidade, traduzidos e vivenciados na cultura corpórea. Expondo o controle pelo sexo, no corpo, os séculos XIX e XX especulam uma importância no sexo, pois este se torna sede do governo, objeto de saber e de intervenção nas técnicas, cuidados de si e dos outros.³

Fortaleza focalizou o discurso médico-sanitarista como um conhecimento aplicado dentro de um plano reformador, regendo o viver na “cidade moderna”, sendo um dos princípios da modernidade a confluência de ideias de intelectuais comprometidos com uma arquitetura de maior visibilidade.⁴

As fontes utilizadas neste estudo fazem parte de uma ampla pesquisa que mapeou processos-crime, jornais, revistas e escritos médicos. A forma como foram mapeadas na pesquisa, permite questionar o caráter pedagógico nacional, porém sendo administradas de acordo com cada especificidade local, o que alude a um processo de reinvenção das práticas, tendo o corpo como elemento sócio-político-cultural.

Inicialmente, a pesquisa envolvendo crimes na cidade de Fortaleza nas primeiras décadas do século XX surgiu a partir do desenvolvimento, junto ao grupo PET-HISTÓRIA da Universidade Federal do Ceará (UFC), de um trabalho de identificação, leitura e catalogação dessas fontes no Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC).⁵ Realizou-se um diálogo entre a cidade que estava sendo construída no começo do século XX e as subjetividades, sugerindo uma pluralidade de cidades e vivências. Fortaleza e o projeto de modernidade visto/descrito por meio das percepções de cronistas, moradores e autoridades. Impressões que oscilavam ora entre uma bela poesia, ora entre duras críticas, também transcritas por imagens impressas pelo olhar do registro fotográfico.

Seria essa a “metáfora urbana” deste estudo, a busca pelo entendimento entre um ideal de cidade e um ideal de corpo, limpo e saudável na senda da constituição dos desejos, mutável à maneira de seus habitantes, trabalhando em prol desses ideais a partir de inúmeras possibilidades.

A pesquisa também expõe um diálogo com outras produções/fontes pesquisadas nos eixos Rio e São Paulo, como uma maneira de desvendar novos

problemas, preenchendo uma inquietação ainda maior, foram analisadas algumas revistas cujos diversos temas direcionavam-se ao público feminino na forma de anúncios publicitários, nas páginas dessas revistas e jornais, os processos de subjetivação dos indivíduos ganharam uma composição “ideal”, a fim de agradar o olhar de quem consumia as ideias e os produtos. Tendenciosos em aspectos relacionais e padrões de beleza homogêneos para as mulheres ditavam modos de conduzir o corpo, esculpindo-os de forma “ideal”. A preocupação com a conduta dos corpos, o uso dos dispositivos de poder sobre eles, além das formas de conter os comportamentos desviantes, demonstram um discurso idealizador da cidade e de quem deveria habitá-la, criando e recriando desejos e vontades.

Os anúncios faziam uso de representações homogêneas que articulavam o saber médico em torno de uma linguagem coloquial, mais simples e direta. Esses anúncios de saúde, beleza, bem-estar e aparências, enquanto um discurso de produção cultural articulavam-se intimamente com as representações criadas sobre o corpo feminino.

Encaminhada no curso de doutorado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), a pesquisa explora fontes de natureza jurídica: processos de defloramento, sedução e crimes sexuais, assim como algumas publicações médicas, de caráter técnico entre elas a *Revista Ceará Médico*, *Anais da Academia Cearense de Medicina*, artigos da *Revista do Instituto do Ceará*, além dos jornais *O Povo*, *Gazeta de Notícias*, *Diário do Ceará* e *Correio do Ceará*. As Revistas como *Ba-ta-clan*, *Ceará Ilustrado*, *A Cigarra*, *O Cruzeiro*, estas últimas de circulação nacional, suscitando reflexões em torno da publicidade, traziam anúncios, ideias “vendidas” e compartilhadas em Fortaleza.

Sendo assim, o andamento da tese se fez a partir do cruzamento dessas fontes ora citadas e da reflexão teórica pautada nas publicações acadêmicas feitas sobre o tema.

Os processos-crime⁶ tornaram-se fontes históricas a partir do olhar lançado pelo historiador. Percebe-se que as análises de suas narrativas suscitaram tensões mediadas pela ação do crime, da contravenção, apoiando-se em questões como o uso dos corpos, as sexualidades, os desejos, os papéis sociais construídos e resignificados na complexidade do cotidiano.

Desse modo, perceber nos sujeitos o diálogo entre ações de poder, resistências e conformidades enriquece e instiga o fazer-se da pesquisa histórica. Mediante as narrativas dos crimes, é possível desvendar alguns elementos dessas tramas. A cidade descrita presenciava a condição de práticas urbanas ainda distintas, quiçá antagônicas, nas quais a modernidade, que se faz representar por produtos ligados à tecnologia e/ou pelo ritmo da velocidade, barulho e objetos, convive no mesmo espaço com aspectos que se relacionam diretamente ao provincianismo, bem caracterizados com a imagem do jumento que carrega água em plena cidade (um meio de transporte ligado ao interior).

Encontra-se uma oportunidade de reflexão sobre como o discurso da modernidade foi construído no sentido de organizar a vida social das pessoas. Sendo assim, é possível tecer uma abordagem acerca das próprias ações desses sujeitos como diferentes sensibilidades sobre o fato de não se inscreverem nesse projeto. O projeto de modernidade, que buscou submeter a vida inteira ao controle absoluto do homem sob a direção segura do conhecimento,⁷ na medida em que os seus dispositivos disciplinares se vinculam a uma governamentalidade⁸ médico-jurídica, por meio de suas tentativas de criar identidades homogêneas dentro de processos de subjetivação, usando de uma “instância central”,⁹ o Estado, que coordena os mecanismos de controle sobre o mundo natural e social.

Através dos processos criminais percebia-se que em certos espaços sociais a população pobre recorria, muitas vezes, à justiça e aos processos, a fim de resolver suas contendas, e, com isso, não se observava a polícia apenas como aparelho repressor, pois essas pessoas acreditavam e utilizavam-se desse mecanismo. O desafio é captar as tensões paralelamente ao crime e geradas por ele, além dos meios e fins que esses acontecimentos guiaram, ou seja, os sujeitos reinventados pelos discursos jurídicos com ideias de verdade.

Ao se buscar estudar os significados das ações desses sujeitos envolvidos, torna-se imprescindível visualizar o espaço ocupado por eles – o espaço do trabalho, do lazer, das relações sociais –, bem como seus conflitos, circunscrevendo-os imersos num momento de busca pelo “moderno”, o que não diferencia Fortaleza de outras regiões do Brasil. A elaboração de discursos sobre mulheres, em particular nos processos, ressaltou determinadas condições

de emergência: pela análise de um rol de processos de defloração e de crimes que envolveram aspectos relacionais entre homens e mulheres, muitas jovens entregavam-se ao sexo sob promessas de casamento, imersas em um cotidiano de trocas, favores, trabalho, festas e sociabilidades. Circunscritas em espaços como subúrbios, o casamento, como possibilidade de resolução pessoal (constituir família ou simplesmente obter uma casa para morar), fez manifestar outra subjetividade corporal. Os discursos dos processos assumiram características pedagógicas, lançando sobre a mulher uma sentença moral a respeito do corpo, dos cuidados de si, das relações, da saúde, da busca por uma “normalidade”.

Assim acontece quando da exploração das fontes criminais. Por meio delas, é possível ter contato com as falas de diversos personagens, todavia, elas exigem cuidados. A mediação oficial, por exemplo, deve ser levada em conta, assim como as possíveis construções elaboradas pelos envolvidos. A percepção acerca dessas problemáticas apresenta-se, sobretudo, a partir da maneira como foram elaborados os processos e de quais sujeitos foram construídos nesses discursos.

A fonte, nesse sentido, passa a constituir outra linguagem de resistência, concessão e negociação na vida prática. Os mecanismos de poder também são reconstruídos na subjetivação dos acontecimentos dentro da cidade. Homens e mulheres vivenciaram outras histórias, percebidas nas entrelinhas do processo histórico. A prática médica foi pontuada como o fio condutor para toda a análise aqui empreendida.

As imagens escolhidas para a análise tecem considerações sobre o lugar do corpo feminino na sociedade, atentando para a construção de desejos e práticas de sedução entre homens e mulheres, guiados pelo consumo de produtos medicamentosos, criando novos modelos de ser, estar e sentir na sociedade.

A publicidade¹⁰ abriu a possibilidade, no *metiér* histórico, de perceber quais foram as representações destinadas às mulheres, quais os cuidados e trabalhos destinados à transformação do corpo para o uso racional.

Na medida em que configurava um discurso sobre a trajetória dos corpos, a medicina era reconhecida como “social” por adentrar os meandros

das experiências sociais e culturais, e, muitas vezes, transformou-se em norma. Essa medicina buscou não somente analisar os corpos, como também criou estratégias de vender saúde, beleza, felicidade. Para isso, ao passo que estigmatizava o corpo feminino como lugar restrito à sexualidade, também se utilizou dele para novas representações de caráter simbólico e político.

Esse movimento científico ganhava expressão, sendo palco para uma estetização dos corpos, vestuário, regras de civilidade, gestos e cuidados. Para usufruir desse mundo “moderno e civilizado” foi necessário o fazer-se de regras e ideais difundidos pela imprensa.

Nessa lógica, ansiosos por reconhecimento, muitas vezes confundindo-se com força e influência, muitos médicos, em todo o Brasil, a exemplo da França, reivindicavam maior produção no campo da literatura e imprensa médica. A produção, nesse sentido, em específico no caso de cidades como Fortaleza, recebeu anúncios e material de circulação nacional oriundos de Rio de Janeiro e São Paulo. Desse modo, os esforços redobram em problematizar uma norma possivelmente não condizente com a realidade e as verdadeiras condutas locais.

A presente pesquisa tem como possibilidade o enriquecimento do campo da História do Corpo e das Sensibilidades, assim como dos estudos culturais. Noções como público e privado, sedução, honra, defloração, elementos latentes nos processos, trouxeram um viés de análise na subjetivação dos corpos em Fortaleza. Outro campo de representação que levantou a estética de consumo e comportamento, além de suscitar a circularidade dos discursos, foram as construções de imagens presentes em revistas e jornais, voltadas para o lar, a sedução, a aquisição de objetos, vestuários, identidades, gestos e aparências, destacando a figura da mulher moderna.

Tal apreciação visa a contribuir para a compreensão do contexto e dos desdobramentos do processo de modernização da cidade de Fortaleza, assim como as dinâmicas dos sujeitos com os elementos de poder e gestão tornam-se objeto de análise para a construção do corpo como fonte histórica.

É importante notar que o corpo da mulher, principalmente o denominado “baixo ventre”, sempre foi alvo de atitudes e especulações para as condutas desviantes, e um dos elementos decisivos para a história do imaginário

sobre o corpo guiado pelo saber médico. As atribuições dadas ao corpo feminino renderam percepções de mercado promissoras, elaboradas de maneira pedagógica, transformando ideias e comportamentos. Outro fio condutor presente nesta pesquisa ressalta, sobretudo, os caminhos percorridos por meio da representação, da reinvenção do corpo feminino do íntimo ao público.

O contexto específico de modernidade em Fortaleza representou intervenções diretas nos trabalhos dos corpos cotidianamente, podendo ser pensado e refletido como processo descontínuo, que não segue a padronização e adesão imediata dos sujeitos às novas sensibilidades, maneiras de ser e estar no mundo. Para tanto, utiliza-se a noção de dispositivo como forma de orientar, modelar certos comportamentos femininos que trouxeram a visibilidade do corpo como instrumento de poder e saber. Assim, é pertinente afirmar que os sujeitos foram inscritos e construídos nos discursos; o corpo enquanto sujeito foi reorganizado e adaptado a novos programas de subjetivação.

A compreensão e a análise a respeito da história do corpo precisam ser políticas e históricas. Dessa forma, foge-se das naturalizações que comumente se empregam a processos criados e recriados em sociedade, como ideais de beleza, felicidade, experiências de dor, vivência na cidade, crime, saúde, doença. Foi isso que se tentou perceber na escrita deste trabalho e, sobretudo, na forma de analisar as fontes.

A pesquisa/tese foi dividida em cinco capítulos, que permitem estudar, analisar e compreender a construção dos dispositivos de poder sobre o corpo feminino, dialogando com um universo de construção de sensibilidades, desejos, representações inspirados em ideias de modernidade: Capítulo I - *Fortaleza no século XX e a invenção da modernidade*, Capítulo II - *Usos e subjetividades dos corpos na cidade moderna*, Capítulo III - *Processos de subjetivação do corpo: gestos, moda e aparências*, Capítulo IV - *Jogos de aparências: vendendo saúde, juventude e beleza*. Por último, Capítulo V - *Purgatórios do corpo: dor e felicidade*.

Essas transformações elegem Fortaleza em meados do século XX e ajudam a moldá-la por meio de imagens e discursos, percebendo a imersão do cotidiano urbano movimentado pela técnica na confecção dos “novos objetos de desejo”, inspirando a reflexão sobre como se deu a relação dos sujeitos com

as coisas e como essa dinâmica imprime uma subjetividade que é cultural e política.

Destacando a relação do estudo que dialoga com Corpo e Cidade, é possível assegurar que este corpo tornou-se metáfora para a cidade, na medida em que transferiu todos os anseios de pleno funcionamento orgânico, produtivo, normativo, reedificado. Embora siga a efervescência dos trabalhos ligados a problematizar as histórias dos corpos perpassados pela medicina, beleza, saúde, bem-estar, dor e felicidade, a importância em investigar as técnicas e os discursos responsáveis por inventar as aparências, cada vez mais ganha tons imperativos e permite perceber tentativas de corrigir as imperfeições de um corpo indesejável.¹¹

Elemento central como fonte histórica, reflexão filosófica, elaboração de discurso, o corpo como sujeito registra as mediações de inquietações permeadas pelo olhar/saber médico-jurídico, interditas pela prática publicitária. Para o corpo feminino, percebe-se que o enorme culto às várias formas de “ser mulher” criou propostas de novas maneiras de servir: como estar na casa, ser feliz, ficar bela, lutar contra a dor e o sofrimento, ser sedutora e amante, elementos de discursos que irão reproduzir gestos e construir aparências, sob uma eterna busca de transformação. Essas mais variadas formas de “ser mulher” tinham consequências práticas na medida em que eram capazes de legitimar a modernização da cidade de Fortaleza. O discurso imperativo da modernização procurava disciplinar o corpo por meio dos mais variados dispositivos de saber/poder.

Nesta pesquisa, optou-se pela categoria corpo feminino como sujeito, e não gênero ou mulheres. Estas duas últimas categorias apresentam problemas políticos que o feminismo custa a entender. O primeiro deles é de que tais termos denotam uma identidade comum, e o segundo, de uma forma mais complexa, é de que o gênero não se constitui num todo orgânico e coerente. Alerta-se que, em diferentes contextos históricos, o gênero pode estabelecer “interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente construídas”.¹² Diante dessas problemáticas, novos desafios são postos para a “História do Corpo” ou de como este é percebido enquanto instrumento de transformação, mesmo que com origem no campo

simbólico: pode-se constatar que não só possuímos mais um corpo, somos o nosso corpo. Tudo o que se pensa, sente, ouve, fala, enfim, tornaram-se maneiras de perceber-se e operar no mundo, são fragmentos de História.

Notas

* Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e foi bolsista FAPESP. Email: idaestevam@gmail.com.

¹ Cabe ressaltar que as subjetividades são fabricadas e modeladas no social, cultural e político. Para tanto, são criadas estratégias que são orientadas pelo controle dos desejos e vontades, mas que, no entanto, não se caracterizam por ser apenas do “tipo recipiente”, ou seja, apenas interiorizadas a partir de um exterior; elas também são assumidas e contemplam posturas particulares. Cf. GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias dos desejos*. Petrópolis, Vozes, 1986.

² Cumpre destacar, aqui, a noção de espaço como experiência individual e coletiva. A rua, a casa, a praça, o bairro são elementos dessa representação da cidade como percursos de memórias e comportamentos, para além da existência material.

³ FOUCAULT, Michel. História da sexualidade. In: *Vol. 1. A vontade de saber e vol. 3. O cuidado de si*. Rio de Janeiro, Graal, 1985, 1988.

⁴ Para esta tese, foram utilizados alguns estudos acadêmicos que destacaram Fortaleza na senda da modernidade – pesquisas que contribuíram para novos olhares sobre a relação dos indivíduos com o espaço e a técnica, resignificando práticas.

⁵ A pesquisa também iniciada dentro do Projeto “Preservar para Conservar, Conservar para Conhecer”, realizado pelo PET-História entre 2003 a 2006, consistiu na organização, catalogação e acondicionamento de uma série documental de 2.581 processos-crime referentes à cidade de Fortaleza do período de 1910-1950, encontrados em precárias condições de conservação e pesquisa. Desenvolvido em conjunto com o APEC, em síntese, é possível dizer que esse projeto contemplou três fases: o conhecimento preliminar do acervo documental (limpeza e elaboração de fichas de pesquisa para leitura e transcrição dos conteúdos fundamentais dos documentos); estudos historiográficos sobre o tema, catalogação e compilação dos dados (momento em que alguns bolsistas iniciaram pesquisas individuais); e a elaboração do Guia de Fontes sobre a História de Fortaleza, por meio dos processos-crime (1910-1950), consistindo em um catálogo disponível para consulta na forma impressa e em CD-ROM.

⁶ Foram utilizados, nesta tese, processos criminais cuja temática ressaltou apenas os crimes de defloramento e sexuais perpetrados em Fortaleza por meados do século XX. Nesse sentido, o uso dos processos pôde suscitar, na contramão do que se pensava sobre Fortaleza, como cidade moderna e “civilizada”, diferentes desejos e ações no tocante ao uso dos corpos, das relações amorosas e dos jogos com o poder, personificado na figura de médicos, juristas, policiais, delegados, promotores e população em geral.

⁷ CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires, Consejo Latino Americano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2005. pp. 169-186. (Colección Sur Sur).

⁸ Sobre o conceito de governamentalidade que é usado neste trabalho, dialogando diretamente com a noção de poder do Estado na vida prática dos sujeitos, Michel Foucault realizou mais completo esclarecimento em uma de suas obras: “O que pretendo fazer nestes próximos anos é uma história da governamentalidade. E com esta palavra quero dizer três coisas: 1 - o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer esta forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança. 2 - a tendência que em todo o Ocidente conduziu incessantemente, durante muito tempo, à preeminência deste tipo de poder, que se pode chamar de governo, sobre todos os outros – soberania, disciplina etc. – e levou ao desenvolvimento de uma série de aparelhos específicos de governo e de um conjunto de saberes. 3 - o resultado do processo através do qual o Estado de justiça da Idade Média, que se tornou nos séculos XV e XVI Estado administrativo, foi pouco a pouco governamentalizado”. Cf. *Microfísica do poder*. 21. ed. Rio de Janeiro, Graal, 2005, pp. 291-292.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ Convém destacar, nesta tese, a importância de alguns trabalhos que orientaram, acerca das discussões sobre publicidade e propaganda, sobre a relevância dentro de aspectos que constituíram essa prática no Brasil. Ver BRUNELLI, Silvana. *Diálogo entre as artes plásticas e a publicidade no Brasil*. 2007. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007; OLIVEIRA, Núcia Alexandra Silva. A beleza que se compra... o gênero que se constrói. Uma análise de anúncios publicitários de produtos de beleza para homens e mulheres (1950-1990). In: ST 43 - *Corporalidade, consumo e mercado. Fazendo Gênero*. Florianópolis, pp. 1-8, 2008; SANTOS, Luiz César Silva dos. *publicIDADE belle époque: a mídia impressa nos periódicos na cidade de Belém entre 1870-1912*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010; MICHAUD, Yves. Visualizações: o corpo e as artes visuais. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo*.

Petrópolis, Vozes, 2008. v. 3 (As mutações do olhar. O século XX). pp. 541-565.

¹¹ MALYSSE, Stéphane Rémy. Além do corpo: a carne como ficção científica. *In: Revista de Antropologia da USP*, São Paulo, v. 43, n. 2, pp. 271-278, 2000.

¹² BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008, p. 20.

Data de envio: 23/10/2012

Data de aceite: 19/11/2012